

NUMERO 78—ANNO II  
19 — NOVEMBRO — 1927

P 893  
N D  
Biblioteca  
Central  
NUMERO DE HOJE  
MIL REIS

# REVISTA DA CIDADE

DIRECTOR  
OCTAVIO MORAES

SECRETARIO  
JOSÉ PENANTE

**Propriedade da "S. A. Revista da Cidade"**

(OFFICINAS PROPRIAS)

Redacção e Officinas: Rua do Imperador Pedro II, 207  
End. Teleg.: REVISTA — Phone Moderno 6.015

ELLE fôra ali para dizer umas cousas ríspidas. Emquanto esperava, na banqueta onde um cinzeiro se aprumava bisarro no seu estylo arabe, a caixinha de laca dos cigarrinhos de boquilha doirada brilhava no fundo salpicado de borrões mysteriosos. No tampo, uma japonesinha de olhos espichados, de tez envernizada, toda amarrada em còres vivas, esperava, melancolica, um ideal que não vinha. Madame Butterfly... Estirou-se mais no "maple". Olhou a fumaça do cigarro. Um fumo azulado fugia para o tecto. Pensou nos amores mais celebres e phantasiou uma grande paixão para aquella japonesinha de olhos repuxados. Sentiu-se na terra longe dos SAMURAIS, numa casinha de caixilhos em cujo jardim havia uma cerejeira florindo. A lenda das cerejeiras veio-lhe aos sentidos. Uma suavidade foi esbatendo a violencia de sua magua. As mulheres, afinal, são bem frageis! Aquella que elle esperava e que ia ouvir cousas tremendas, affigurou-se-lhe, então, uma pobre victima. Elle estava, todo, com o coração cheio daquella japonesinha triste. A realidade volta depressa. A outra chegou e atirou-se-lhe nos braços. Perdoou-a. Nem sei se lhe disse alguma cousa... Sei apenas que ella foi naquelle instante, para elle, a japonesinha triste da caixa de laca. Depois... Depois não havia no jardim nenhuma cerejeira florindo...

JOSÉ PENANTE

**E**M um jornal carioca fomos encontrar esta nota:

"Hontem, a sala da Camara apresentava o aspecto rarissimo de um estudioso debruçado sobre seus livros.

Infelizmente, não era nenhum deputado. Tratava-se de conhecido critico, cuja ironia, se algum dia se voltasse contra si, talvez descobrissem, confundidos no mesmo amor, os livros e o macarrão...

Homem culto, figura magnifica de intellectual, foi com alegria authentica de um bibliófilo, que elle correu as mãos sobre aquelles livros, constatando a immensa riqueza ali abandonada.

A par, porém, do seu elogio, uma phrase castigou o pouco apreço que os deputados dão áquella sala. Chamou as collecções valiosissimas de donzellias impuberces...

E o são, em verdade. A actual biblioteca da



Depois do banho do mar,  
o banho do sol...

Camara, fruto do trabalho beneditino de Mario de Alencar, é, talvez, uma das mais completas do mundo. O artista falecido, como se fosse para o patrimonio, zelou por ella e enriqueceu-a de tudo o que

poude. No entanto, os parlamentares que penetram os seus humbraes, dão preferencia ao papel timbrado das cartas, aos volumes das estantes. Preferem ser maiores escriptores a serem leitores excellentes...

E todo o tesouro, só não se perde porque vale para o espírito alerta de alguns jornalistas, ou de algum estudioso que consiga o patrocínio displicente de um Mecenas, "doublee" de Lycurgo.

Depois disso, parece que qualquer comentario seria profundamente ocioso.

**E**SABIDO que as sciencias moraes e politicas desempenham importante papel na patria de Confucio; as doutrinas mais serias, porém, perdem-se em puerilidade e no modo demasiado simples pelo qual se consideram os deveres. Assim, por exemplo, os chinezes atribuem á familia caracter de santidade; o pae é um deus, os antepassados são perfeitos sempre; a mãe, porém, nem sempre é lá muito respeitada. O divorcio é frequente na China; con-



Brinquedos  
na  
areia

Um sorriso  
e uma  
careta...

sideram-no como o resultado de uma crise economica e por vezes o marido tem um desprazer profundo quando se acha na necessidade de repudiar sua compaheira, pela impossibilidade de prover a sua subsistencia. Redige, então, um documento do teor seguinte ;

"Quem este documento escreveu chama-se Li-Uang-Tié e um dia casou-se com Lio-Tichi-Vei. Agora a sua familia está em estado de extrema miseria; não tem mais arroz nem roupa. Elle, a vista disso não pode mais manter sua mulher e por consequencia declara publicamente que consente em separar-se della para pertencer a uma familia mais provida de recursos que possa tratala melhor. Pode ella, pois, casar-se com o homem que lhe agradar e eu Li-Uang-Tié, a isso não porei o menor obstaculo. E para que não se pense que eu possa faltar a esse compromisso, aqui deixo como assig-natura neste documento, a minha impressão digital, como signal de garantia e de identidade."

Essa facilidade no divorcio torna muito precaria a vida das mulheres, especialmente nos periodos de crises economicas.

FERNANDO Pio dos Santos, da Academia Recifense de Letras, lançou a publico o seu livro de estréa : «Penumbra».

Dizer de um livro de estréa sem annotar as naturaes vacilações é falta de sinceridade. Ao estreante basta prever-lhe as aptidões, a emoção, o senso estheticó e

nisso vae a melhor critica á obra inicial de um artista.

O livro de Fernando Pio dos Santos está nessa altura. E' um livro de estréa. Ha, aqui e ali, as vacilações do neophito que avança, timido, por uma seára perigosa. Entretanto, o novo poéta apresentou um bonito cartão de visita. Ha em seus ver-

sos a expressão de uma suave poesia que ainda não se orientou no rygorismo de uma rythmica segura. A emoção elle a exteriorisa em bruto. Como quem collecionasse motivos, ás pressas, para a obra mais cuidada do futuro. Isso vale por uma excellente recommendação.

«Penumbra» pode não ser um livro bom. Mas

é um bello livro de estréa. Fernando Pio dos Santos denuncia-se nelle um emotivo. O resto é pouco. E não ha caminhada áspera que a intelligencia não vença.

SEGUNDO um sabio ingles, o sr. C. Boys, a Terra, o planeta em que a humana-dade habita, pesa 5.882.064.000.000 milhôes de toneladas.



Enlace Celia Mello — Mario Rodrigues Filho

# CAIXINHA DE SURPRESAS...

## A "FESTA DAS ROSAS"

*A pezar do atraso de alguns dias, damos hoje, como surpresa, os versos que Austro-Costa escreveu sobre a festa das rosas de papel.*

De-certo que eu sonhava a Apotheóse do Aroma, a Alleluia Floral, a Festa Polychroma das lindas rosas da Cidade.  
De-certo que eu sonhava... A Realidade, entanto, de meu Sonho gentil truncando a gloria e encanto, não me trouxe á emoção a alegria das rosas maravilhosas dos jardins da Cidade!... Ironica e brejeira, a Realidade, segunda-feira, foi, ao envez da Chuva aromal das corollas ( — bolas! — ), — um cyclone de rosas... de papel!...

A Realidade é u'a mulher cruel.

Sim, que só mesmo u'a mulher bem má se alegrará em desfazer uma illusão de Poéta, o sonho matinal de um Bohemio — ingenuo estheta.

Depois ( toda a Cidade sabe disso ), louca é a minha paixão, sagrado o meu derríco pelas rosas... Paixão que só tem semelhanças com o meu Amor pelas crianças, com o meu xodó pelas mulheres... ( Ai! não te rales, meu Amor! Que queres? Desde garoto eu sou assim. Foi p'ra gostar de todas vós que ao mundo eu vim... )

Ora, assim sendo, como eu vinha dizendo, ao envez do festim alleluial das rosas, houve a "Festa... do Hospital", em que a minha Chiméria ficou doente e quasi morre de-recente...

"Festa das Rosas"!... A Esperança leda feita mentira de papel de séda, rosea mentira... Rosas? — Que blasphemia!

Triste, na minha displicencia bohemia, sorri, comtudo, amargurado embora, e lá fui com a farandula sonóra, na onda risonha, ironica e loquaz que não respeitou velho, nem rapaz, nem mulher, nem espada, nem batina... ( Tanto pôde a belleza feminina! Tanto pôde a Mulher!... )

E MORRI. E MORRI como qualquer, como todos morreram: DEPENNADO, porém sôndecorado:

COMMENDADOR DA ORDEM DA ROSA... Sim, senhor! "Festa das Rosas"... Ora... Por favor!... "Festa das Rosas"... Onde a lyra que a celebre? Todos comemos gato por lebre...

Entretanto, a ironia

aqui cede logar á alta symbologia:  
Rosas: — fórmulas ideaes, coloridas, dos beijos, dos anseios de Amor, dos virginas desejos de Eva á instinctiva luz das primeiras carícias, no Eden, á aurora azul das primeiras delícias do Peccado primeiro...

Mulheres: — Rosas da Illusão do mundo inteiro... Rosas das Rosas... Sim! Pacienza!

Mulheres: — Rosas sem clemencia, Rosas de tragicos espinhos e cuja ebriez fatal lembra sinistros vinhos...

Portanto, sempre, "Festa das Rosas". Rosas morenas, loiras, esveltas, gordinhas, magras, altas, pequenas, rosas na bôcca, rosas nas faces, as mãos em rosas... Sob o corpete rosas florindo miraculosas, rosas frementes, rosas trementes, e excelsas rosas ainda em botão...

( Diabos! E as rosas de papel?... Que confusão! )

Mas, conforme publicaram os jornaes, o "Hospital" arranjou mais de 50 contos com a altruistica e linda brincadeira. Se é que o "Hospital" trata de graça os PROMPTOS, de-certo ha-de de curar-me a QUEBRADEIRA...

Que eu MORRI tanto na segunda, naquelle rosea barafunda, tantas rosetas de papel me pespegaram e alfinetaram por toda parte, e com tal arte e florida, sacrilega ironia, que eu, á tardinha, parecia, tão enfeitado assim e a carteira de luto, mas, conformado, entanto, — uma estampa de santo de casa de matuto...

AUSTRO—COSTA





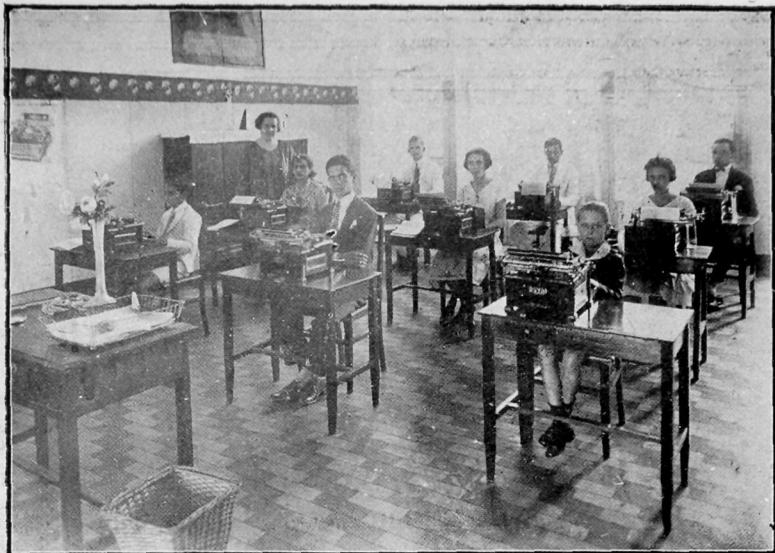
**Senhorita  
Neusa Nogueira Pinto,  
da sociedade pernambucana**

O CHRONISTA musical do «O Imparcial», falando de Pery Machado, o festejado violinista brasileiro, avançou o seguinte trecho : “Este artista, desejavamos nós que a platéa

brasileira não ouvisse durante alguns annos. O sr. Pery Machado attingiu o maximo que um virtuose pode aspirar. O que falta a esse prodigioso violinista é o ambiente musical dos centros de arte como

Paris, Berlim, Vienna ou Praga... Neste cemiterio de Arte que é o Rio de Janeiro, não se deve conservare encerrado quem executa a «Aria» de Bach e «l'Oiseau prophète» de Schumann-Auer como o senhor

Pery Machado o faz”. Considerando-se o Rio como um cemiterio de Arte, vale a pena perguntar aos nossos irrequietos criticos musicas qual o verdadeiro qualificativo para o Recife.

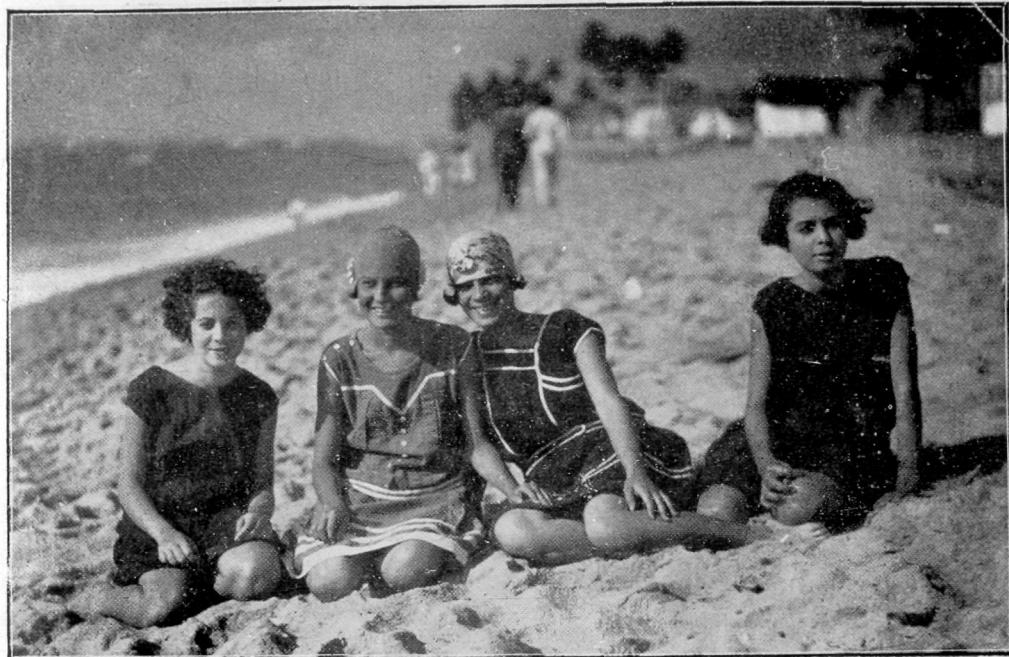


Uma vista da sala de aulas da "Escola Royal Official de Dactylographia e Tachygraphia", dirigida pelo sr. Emilio Kuhlmann



Ao alto :  
Um grupo  
de colle-  
gias em  
excursão

Em baixo :  
As mesmas  
excursionis-  
tas ao lado do  
Pe. Carneiro



Antes de cahir naga...

Photo Rebello

## O S H E R Ó E S — Ricardo Jaimes Freyre

POR ardor sanguinario estremecido,  
cravando no corcel o ímpio acicate,  
lança o bárbaro, em meio do combate,  
seu pavoroso e lúgubre alarido.

Semi-desnudo, arfando em suór, ferido,  
de intenso brio o cérebro lhe bate;  
e, ao bronzeo escudo, o antagonista abate,  
já do terror e do soffrer vencido.

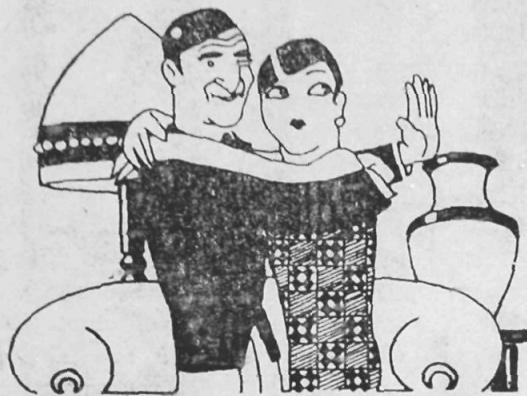
Súbito, em chamma e em claridade, estranhas,  
tu, mar de fogo, os horizontes banhas;  
com o teu clamor de ondas revoltas, uivas...

E se destacam, de entre os rubros fólios,  
os largos peitos, os sangrentos olhos  
e as desgrenhadas cabelleiras ruivas!

SILVA LOBATO



Grupo tirado por occasião do concerto do pianista Manoel Augusto



## O QUE FICOU NA POEIRA DA SEMANA



SERENA, o olhar perdido ao longe na pequenina nesga de uma vela branca, o mar aos pés cantando uma canção para embalar a sua saudade, a graciosa recem-casada que o verão levou a uma das nossas praias, pensa naquela que o destino afastou. E pensa ainda mais triste no recente casamento feito á revelia de seu coração. E' então que os seus olhos brilham mais. Uma lagrima inevitável se esgueira pelo canto dos olhos quando a amiguinha a surprehende. Nem sempre as amiguinhas sabem guardar a conveniencia de certos segredos . . .

AS duas viram-se, já tarde, no arrabalde, cansadas da caminhada, depois do match de foot-ball. O bond, como sempre, tardava. O excellente seria um automovel. Mas na bolsa de ambas havia, apenas, dois mil e tantos réis. Pensaram, então, num automovel camarada. Como se alguém as tivesse ouvido, apparece um carro. E' o carro do bacharel amigo. Gritam para o CHAUFFEUR :

— Pare, José!

O carro pára. As duas se acomodam. O carro roda. Um silencio alonga os minutos. Entre mulheres, o silencio é uma tortura. Uma delas arrisca para o CHAUFFEUR :

— Você sabe se Thereza está em casa?

Thereza era a dona do carro. Mas o CHAUFFEUR não a conhece. Algumas palavras mais e o en-

gano se esclarece. As duas empalidecem e explode a pergunta:

— Mas você não é José, o CHAUFFEUR do dr. . .

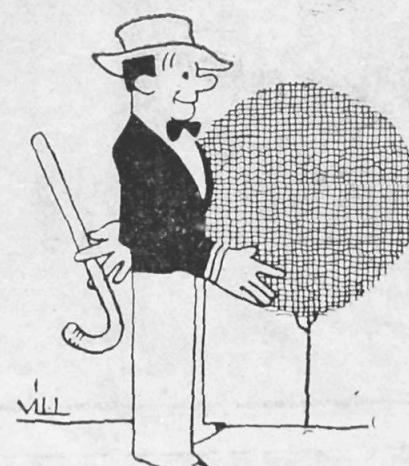
— Não, senhora. Eu sou Manoel e o carro é meu . . .

UMA alegria intensa tomou todo o dia daquella criatura le-vianissima que a cidade já se habituou a olhar como uma flôr de peccado cultivada pela amavel displicencia do marido.

O motivo dessa alegria não foi, entretanto, o que se pode chamar um grande motivo. Não chegou a mais de duas palavras trocadas com o rapaz com quem ella ha muito desejaría haver travado bôas relações.

A verdade, porém, é que ambos se commoveram pelo encontro. E é assim que os grandes romances principiam . . .

OS jovens emotivos da cidade tiveram, ultimamente, a sua phase



de romantismo. Entre elles, um que almeja um logarsinho no mundo diplomatico e que, por isso, ensaia rapapés protocolares, está de caldos . . .

Foram-se os seus sonhos mais fagueiros. A cruel realidade levou para a distancia os lindos olhos negros que o matavam.

Ah! "sôdade" ! . . .

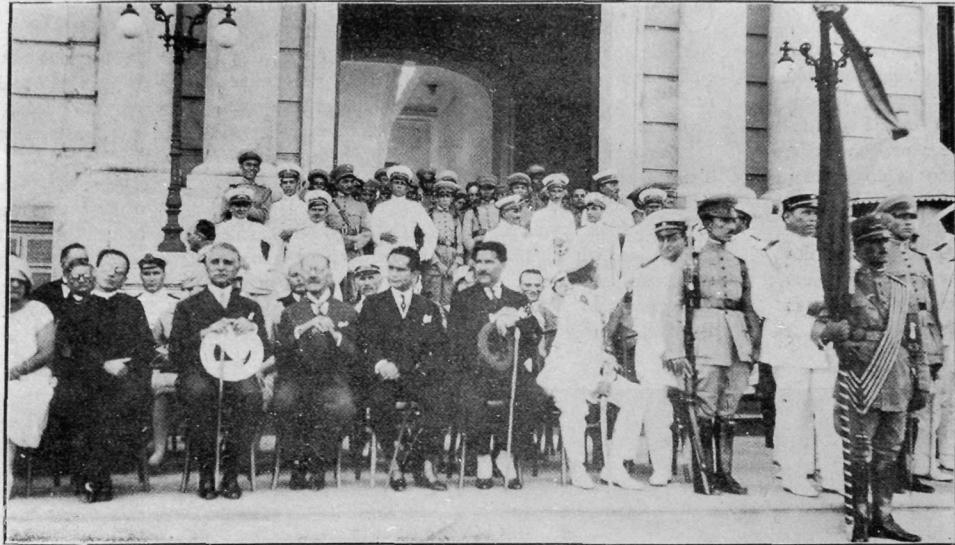
AQUELLA "gaffe" . . . Mal o rapazinho percebeu a importancia do "escorrêgo", ficou atrapalhado como um collegial suprehendido na sala do refeitorio em frente a uma lata de doce. E o peor é que não achou mais graça na festa, até o instante em que se poude ver a salvo dos olhares e da risota dos outros . . . GAFFEUS.

NÁ festa com que a Academia Pernambucana de Letras recebeu o poéta Adelmar Tavares, á hora em que a reunião ia mais encantadora, o coronel Wolmer da Silveira, que em pouco tempo criou em seu torno um ambiente de muita sympathia, indagou de Austro-Costa, o poéta das mulhe-res e das rosas, alludindo áquelle festa do outro poéta das Noites cheias de estrellas :

— Então? Quando será a sua noite cheia de estrellas?

O poéta das mulhe-res e das rosas sorriu. Achou graça, mas ficou atrapalhado. E foi por isso que obrigou o Ascenso Ferreira a baixar-se para ouvir a confidencia :

— A minha noite vae ser mais seria, "seo" Ascenço. Vae ser uma noite cheia de mulheres...



O sr. dr. Estacio Coimbra, ao lado das autoridades, assistindo a solemnidade do compromisso prestado pelos novos soldados da Força Pública do Estado

**A** ARVORE mais velha do mundo é um cedro que se encontra no Mexico, proximo á aldeia de Santa Martha de Tula. Acredita-se que tenha pelo menos quatro mil annos de existencia.

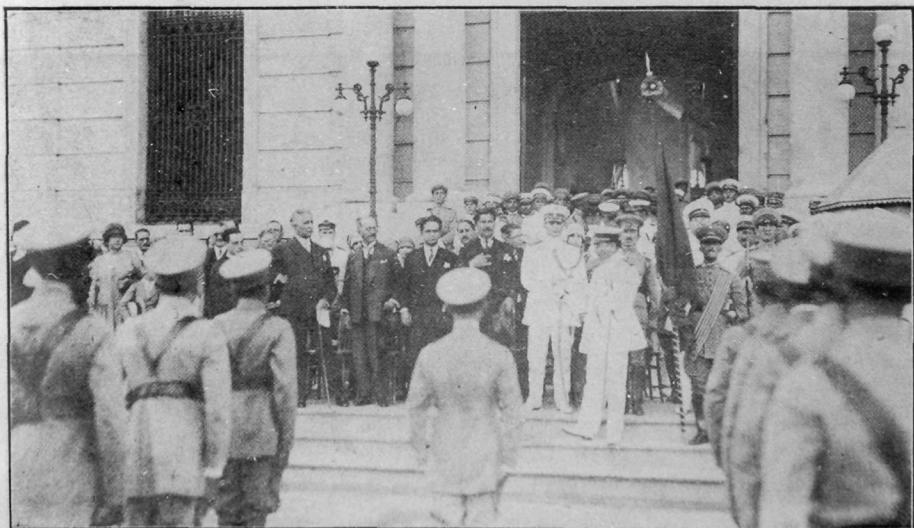
Humboldt estudou-a em 1803 disse-a formada pór tres troncos uni-

dos, mediu-lhe o tronco e achou-lhe uma circumferencia de 36 metros. Em 1827, Poinsett, ministro americano junto ao governo mexicano enviou á Sociedade Philosophica de Philadelphia uma corda com a exacta circumferencia da arvore. O tamanho extraordinario

della sussitou naturalmente algumas duvidas sobre a precisão da medida, solicitando-se de Poinsett explicações ulteriores. Enviou então o diplomata uma nota que lhe fôra fornecida por Ether, viajante inglez que examinara o curioso vegetal com todo o cuidado. Segundo

as medidas de Ether tinha a arvore 46 "varas" mexicanas, isto é, 37 metros, medida que corresponde quasi á cifra obtida por Humboldt.

Em 1839-40 Galleotti examinou-a novamente e contestou uma circumferencia de 34 metros e uma altura de



Aspecto apanhado quando o coronel Wolmer da Silveira lia o compromisso solemne

1m,30 do solo. Em 1903 o dr. Hermann von Schrenk depois de minguoso exame constatou-lhe a perfeita saúde; os ramos estão vigorosos, robustos, prenunciam-lhe longa vida ainda. Aliás o amor dos habitantes do logar em que ella vive é o seu melhor protector.

O illustre dr. Maviael do Prado, nosso confrade de imprensa, enviou-nos o seguinte recorte de um jornal europeu:

"Segundo notícias da Turquia, o sr. Mustafá Kemal Pachá, presidente da república otomana, pronunciou em Angola, na sessão inaugural do Congresso do Partido Popular, um discurso

que durou 36 horas e meia.

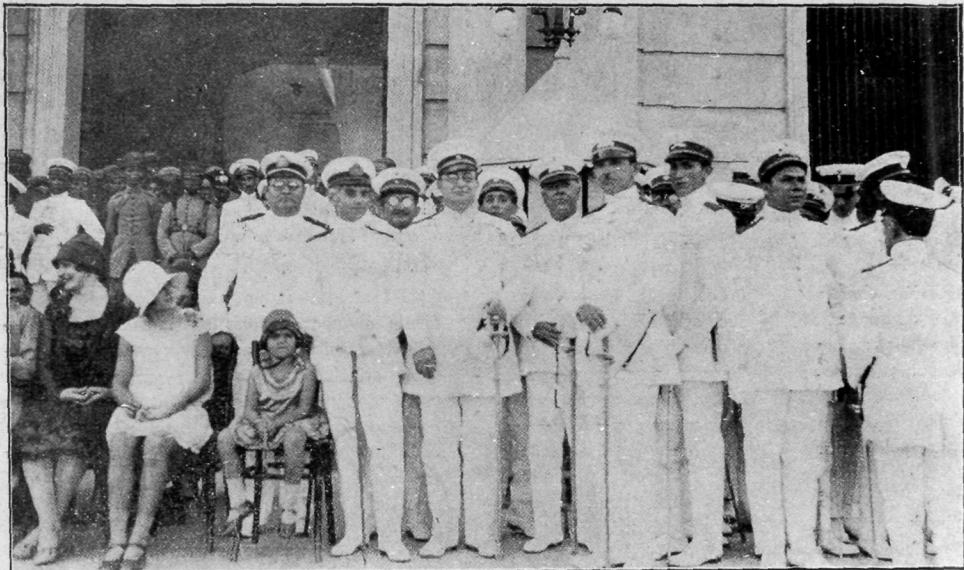
Se se não trata duma fantasia telégraphica, como muitas outras, não podemos deixar de felicitar o ditador turco por ter batido o recorde da oratória.

Como os leitores devem estar lembrados, o recorde anterior pertencia a um português, o fogoso ex-parlamentar

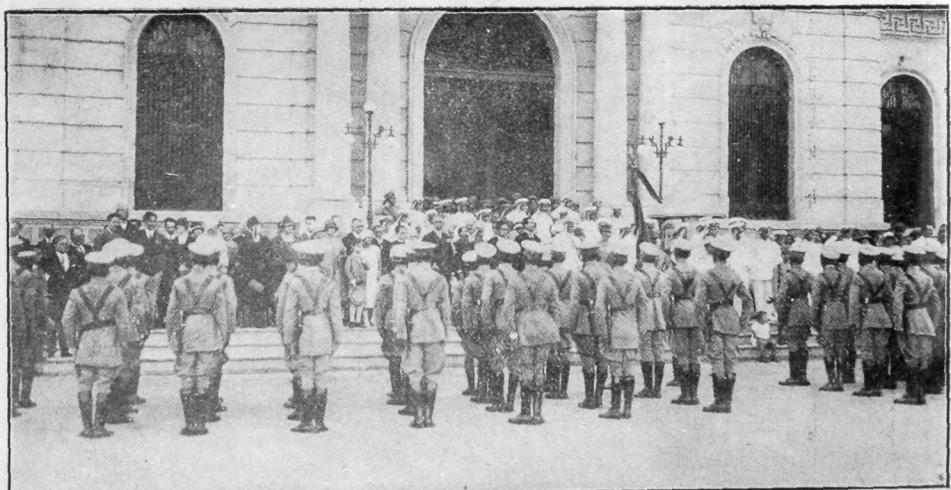
sr. dr. João Camoesas a quem não será possível tão cedo, cremos bem, rehaver o título perdido..."

Abaixo, mandou-nos o distinto advogado e homem de imprensa este commentario:

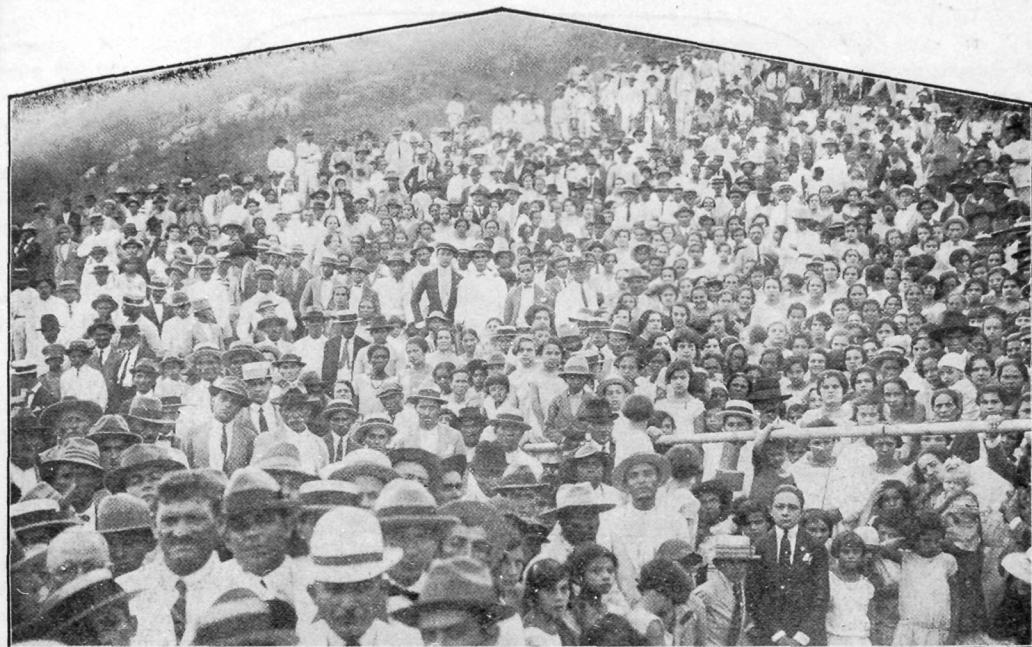
"Dessa feita, não foi só a Europa que se curiou ante o Brasil.



Officiaes da Força Publica, ao lado de outros camaradas



Os novos soldados que prestaram compromisso no Quartel do Derby



**Assistencia á festa de inauguração do abastecimento dagua á prospera cidade de Caruarú**

A notícia acima está incompleta. Se elles falam Mustafá Kemal Pachá, da Turquia, e em João Camoesas, português, é porque não conhecem o nosso Alfredo Horcades, legitimo brasileiro da Bahia.

**N**O anno 1000 a 2000 não havia família importante que não quisesse ter um santo entre os seus membros. Era preciso pôr um freio a isso e foi encontrado; elevando-se o preço de todo o ce-

rimonial. A taxa estabelecida era preciso adicionar as despesas da illuminação da Basílica Vaticana, a das vestes pontificaes, que tinham de ser uma para cada santo, a dos dons que diziam respeito á

pessoa do Pontifice e a dos quadros, que a família do santo tinha que mandar preparar, representando os milagres delle. Esses quadros eram pelo menos 50 e tinham de ser distribuidos aos cardeaes e a

## A PADEIRINHA

( CONDE DE SABUGOSA )

Os olhos sensuaes da padeirinha  
e a pelle côr de rosa, avelludada,  
com uma leve pennugem que a farinha  
cobria de finissima camada;

o lenço branco, em pregas, attrahente,  
cruzando sobre o peito tentador,  
tinham feito falar timidamente,  
o virgem coração do professor,

que ao passar de manhã, quando ia á escola  
e que a via, risonha, no balcão,  
com uma alegria viva d'hespanhola,  
de manga arregaçada a vender pão,

tinha appetites doudos de mandar  
a todos os diabos o latim,  
invadir o balcão, ir amassar  
e ser padeiro com padeira assim.

.....  
Os repiques de sinos annunciam  
que a padeira casou com o namorado.  
Ao professor os olhos se annuviam  
e lá se vae á escola, acabrunhado.

A' noite, no seu quarto, quando o esmaga  
a solidão, e que o ciume o gela,  
consola-se afagando a idéa vaga,  
de ensinar o latim a um filho della.



**Um sorriso para o photographo,  
antes do mergulho matutino**

outros titulares do Vaticano.

Assim diminuiu o numero de pedidos de santos.

Emfim, para se ter uma idéa do quanto custava uma canonização, basta lembrarmo-nos das palavras do príncipe Falconieri, que tendo gasto uma fortuna com a canonização de Juliana, disse aos seus filhos: "Meus caros filhos, sede anjos, mas não santos — custa caro demais".

Authenticamente canonizados, a Egreja conta 7.860 santos.

**O**S homens nascem desiguais. O grande benefício da sociedade é diminuir essa desigualdade tanto quanto possível, proporcionando a todos a segurança, a propriedade necessária, a educação e a assistência.

**C**HAUFFEURS, esta palavra universalmente conhecida e que designa o conductor dos automóveis, no século XVII tinha outra acepção. Chamavam-se assim naquele tempo

certos bandidos, que assaltavam às granjas e as propriedades, exigindo de seus donos a entrega de dinheiro e de

tudo quanto representasse valor. Se as desgraçadas vítimas não indicavam imediatamente aos "chauffeurs",



Photo Rebello

**A união faz a força...**

onde era o lugar em que guardavam o tesouro, esses accendiam uma fogueira e queimavam os pés dos infelizes. Dahi a denominação de chauffeurs, que significa "aquecedores".

**H**A mais resfriados provocados pelo abuso das vestes do que pela influencia do frio.

**L**AURO Rosas, um chronista interessante da Paulicéa, escreveu para «A Gazeta», de São Paulo:

"Os principes são pitorescas "charges" do seculo. Esses senhores sempre se celebrizaram por dois motivos indefectíveis: elegancia e ridiculo. Maurice Donnay, em quatro actos de mordacidade gauleza, satyriza-lhes o preciosismo grotesco. No sympathico Sacha, herdeiro do trono de Syllistria, criação de André Brûlé, na flor boulevardescas dos seus vinte e quatro annos, está um pouco de todos os futuros soberanos, que hoje o telegrapho explora. A teoria dos principes é longa e selecta. Vae

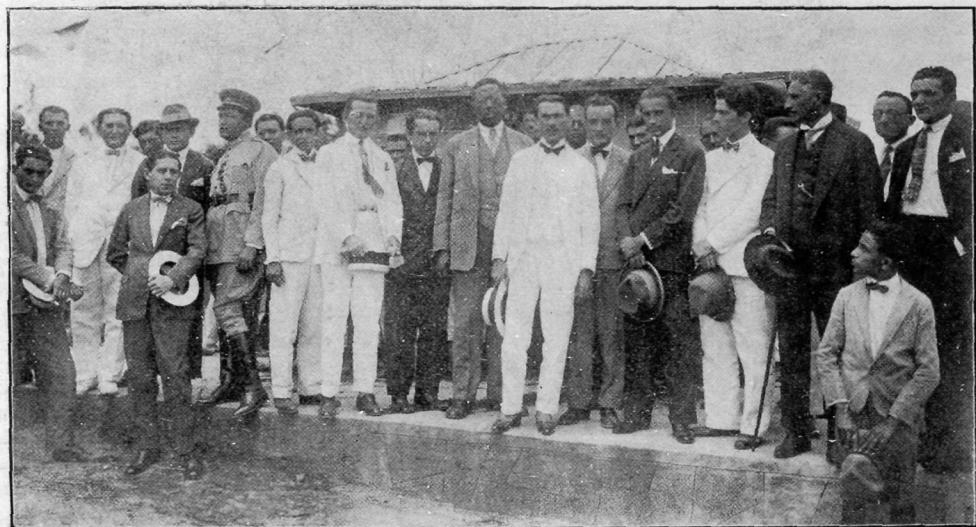
dos filhos-familias a en-diabridos estroinas. O janota de Galles fez um contrato de futilidade com a United Press. As agencias telegraphicas põem encarregados especias, acompanhando palmo a palmo a vida do jovial rebento de Jorge V. Para a boa harmonia das nações

não ha melhor receita do que diplomatas ociosos e príncipes sybaritas. A phiosophia tem sua profundidade. No mundo existem individuos, cujos gosos equilibram o bem-estar de outrem. O príncipe de Galles, gastando doze horas no jogo de "golf" garante aos seus amados subditos um dia agradabilissimo. S. A. diverte-se. Está tudo

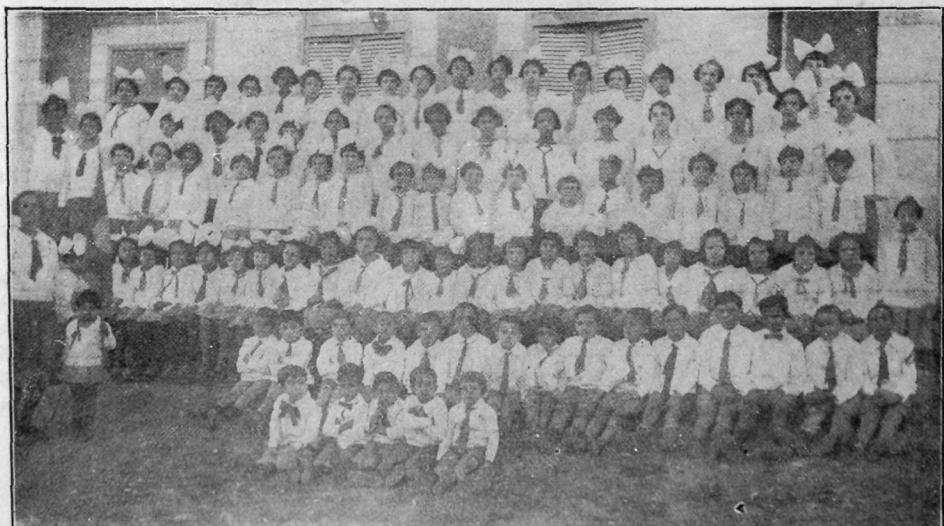
muito bem, sem complicações constitucionaes.

E ao percorrer os continentes em turismo, ao tomar chá em Buenos Aires, ao vér dançar os pretos da Africa quanta solidariedade para o seu paiz não vae conquistando o príncipe! E' a maravilhosa politica dos banquetes, os pactos indestrutiveis firmados entre as taças de cham-

panha. O "shah" da Persia abandonou os paganismos do Oriente e foi a Paris aspirar a cocaina das alcovas civilizadas. Foi, gostou e não quiz mais voltar. Alli ficou, pagando jantares caríssimos, explorado por "garçons" mafiosos, em que as franzezas enalteciam a Per-



Em Campina Grande, por occasião da manifestação ao dr. João Suassuna,  
governador do Estado da Paraíba



Alumnos da cadeira 495, de Triumpho, regida pela professora Maria de Oliveira

sia. Uma tarde, após a noite perdida no "Perroquet", o secretario particular trouxe-lhe um telegramma urgente. O "shah" abriu-o, correu-lhe os olhos vagabundos, irteirou-se do assunto e, despresando o papel, continuou a fumar o ultimo charuto esquecido no bolso. O telegramma annunciaia a proclamação da Republica persa. Não tinha importancia. Estava em Paris. Alli permaneceria, mergulhado no grande seio de delirios, escravizado pelas caricias satanicas dessa mulher de braços eburneos e dedos nervosos. Fosse feliz a Persia. Toda uma caravana principesca: titulares, potentados, rajahs deixam as solicitudes asiaticas, os interesses dos seus povos, desembarcando em Londres ou Paris, ciosos de vida tumultuosa. Dançar o «charleston» é melhor que assignar decretos. Suscitam escandalos,



**Não acode por Manólo  
este moço. Nem Antonio...  
Não podendo ser Apollo,  
Sorriu-lhe o ser Apollonio!**

plagiam films da Paramount, gastam nababescamente dos seus cofres engorgitados de ouro. São perturbadores e donjuanescos. O risonho d. Manuel de Portugal commette «gaffes». O blico goza. O maharadjah de Kapurthala vem ao Brasil e eu ouço de seu sirdar esta phrase:

— Sa magesté voyage pour plaisir.

E é o que todos procuram — o pr.zer. Saturar-se de emoções, deixar correr os dias entre entontecimentos. Principes contemporaneos — espíritos consagrados de piores, typos de Abel Hermant..."

**R**ECEBEMOS sempre com pontualidade, «O Recreio da Petisada», desta cidade; «Belem Nova», do Pará; «A Serra», de Timbaúba; «O Estado do Pará».

A todos agradecemos a remessa gentil.



A devastação dos banheiros da praia de Boa-Viagem

**A GRANDE** maravilhosa ilha de Praga é o Hradcany.

O Hradcany fica do outro lado do Moldau.

Para se ir lá tem-se que atravessar a ponte Carlos, com suas torres nas extremidades e seus santos nos parapeitos. Elle fica no alto; o caminho pelas escadarias é mais curto, porém é fatigante. É preferível o outro.

O portão abre-se nu-

ma grande praça, com o palacio do arcebispo, o palacio Schwazenburg, o da Toscana.

Atravessam-se dous pateos enormes, onde se erguem diversas alas do palacio e no terceiro junto á Cathedral, está o logar onde se compram os ingressos.

Poucas salas são accessíveis á visita publica, mas o que mais interessa é visivel.

Primeiro a antiga sala dos torneios, muito original. Depois a sala do parlamento. Finalmente aquella de cuja alta janella foram precipitados os governadores imperiais.

Velha mesa no centro, velhos quadros nas paredes, tudo da época.

A defenestração de Praga foi, como é sabido, o acto inicial da guerra dos trinta annos.

Todos os visitantes foram espiar a altura da janella: dezesete metros!

Muitos perguntaram se os homens morreram; o guia, então, explicava que não, porque escorregaram no paredão e alem disso, cairam num montão de uma cousa pouco cheirosa...

Tanto melhor para elles.

Em outra ala se vê a galeria alema e a

sala hespanhola, esta uma das más maiores e mais bellas salas de toda a Europa.

E' pouca cousa, mas interessantissima.

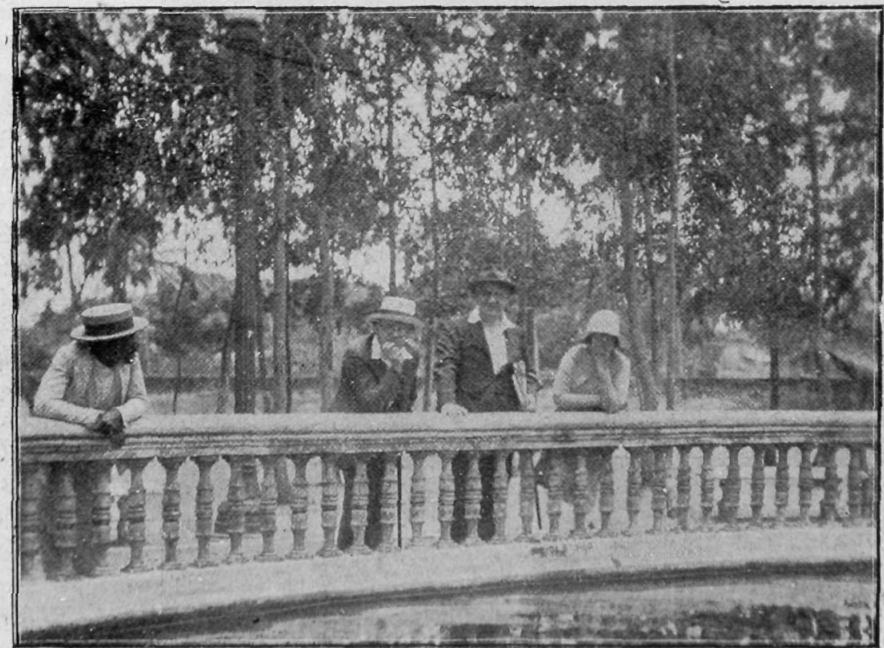
ANTENOR NASCENTES

**S**E pudesses ficar sempre assim! Como eu seria feliz!...

Cresces... A cada dia, que se passa, és um pouco maior e, portanto, vais te afastando de mim. Se soubesses como



Acima:  
Alumnas  
do Colégio  
Sagrado  
Coração,  
de  
Caruarú



Em baixo:  
Backhaus, es-  
posa e o em-  
presario  
Schramel,  
vendo o pei-  
xe-boi do Par-  
que Amorim

é feliz tua idade!... Cada anno é uma ameaça para o teu e o meu porvir. Se conhecesses o mundo! Se soubesses como o futuro é problemático e hostil!... Com o tempo, tuas palavras tão espontâneas e sinceras passarão a ser graves e refletidas... quasi sempre envolvidas em conveniências, que conduzem fatalmente à mentira. Toda essa alegria tumultuosa com que enches a casa ha de se transformar em sizudez pesada e morna, infelizmente talvez.

A' noite, ao envez de adormecer, pouco a pouco, em meus braços, entre risos ou impertinências, sahirás, irás por ahí, ao encontro do mundo e da vida, que são perfidos e crueis.

Eu contarei as horas a tua espera e tu... Como poderás no ardor da adolescência, ancioso por ver e conhecer tudo, lembrar-te do coração tremulo, que só vive por ti...

O tempo. Quem pudesse detê-lo. Mas, ai de nós. Elle caminha inexoravelmente para fazer de ti um homem e de mim um velho. Um homem: isso é um adversário para todos os outros. Um velho... aquelle, que se esquece em casa.

E. RAMIREZ ANGEL

**A**CENSURA da imprensa tem sido uma das maiores instituições de todos os



**Norma e Wanda, os dois encantos do casal Armando de Oliveira**



tempos, não só na Itália, como em todo o mundo civilizado, onde os homens pensam em controlar o pensamento de seus semelhantes. Todavia, não obstante as repetidas censuras, após a concessão dos primeiros prelos, muitos numerosos foram as folhas de vários feitos que se editaram em Malta.

Em fins de Abril sahiram à luz também dois jornais italianos, o «Spettatore imparziale» e o «Portafoglio maltese», o primeiro dirigido pelo padre Fortunato Panzavecchia, um dos mais ardorosos apoiadores da liberdade de imprensa. Naturalmente este sacerdote incorreu nas iras do arcebispo... A censura foi porém salutar. Concedida em definitiva a liberdade de imprensa, publicaram-se na ilha outros jornais, entre os quais suscitou fortes temores e mereceu a condenação eclesiástica e dos fieis católicos insulares o periódico «The Phosphorus», escrito em inglês e italiano. Elle abriu campanha em prol do Protestantismo, adduzindo provas insophismáveis de sua superioridade, demonstradas nas páginas da Historia. O cardeal secretário de Estado, por isso, teve que obrigar os jornalistas do peito a refutar semelhantes palavras e a proibir aos seus partidários a leitura dos jornais anticlericais.

# PETALAS SOLTAS...

A "Festa das Rosas" deixou algumas petalas soltas que vieram para estas paginas. Entre elles esgueirou-se um espinho. Já dizem os maiores amigos do logar-communum: não ha rosas sem espinhos. E parece mesmo uma verdade. Infelizmente, o espinho foi ferir a uma das mais laboriosas colonias estrangeiras da terra. E se, felizmente, não magoou a toda a colonia, alguém houve que se encheu de maguas e derramou-as todas por cima do pobre reporter, em termos menos amaveis.

Não podia haver injustiça maior. A accção do moço português que, na loja de modas "A Exposição", recusou-se a attender ao pedido de uma das nossas mais graciosas conterraneas, da maneira por que foi assistida por varias pessoas, não é digna de aplausos, nem merece a indignação do missivista que bem poderia haver assignado o seu protesto energico e intempestivo.

O facto que, por azar, teve como protagonista um filho da heroica terra lusitana, seria passível da mesma censura, se o seu auctor fosse arabe, turco, russo, brasileiro ou cosmopolita.

A primeira carta que recebemos, escripta, aliás, com uma letra nossa conhecida, derrama-se em termos injuriosos e não merecia mais attenção, se não viesse insinuar que o pianista Manuel Augusto só encontrou para saudal-o um português, filho da Patria que só honra e lustro tem dado á terra brasileira, "pois entre tantos "escriptores" foi preciso que um de FÓRA saudasse o artista".

O trecho aspeado vale um thesouro...

A segunda carta foi mais engraçada. Veio assignada por "uma portuguesa que de óra avante aborrece a REVISTA". Della basta a transcripção deste trecho:

... "Porque é que o brasileiro quando não quer ser PRETO diz logo que descende de portuguêses? O que o auctor das "petalas soltas" tem... é inveja e para acalmar os furôres do patriotismo brasileiro só conheço um povo que a cada momento os insulta, rediculársia e despresa — A Argentina — MACAQUITOS! É o seu grito de morte e de odio! A Providencia vinga-nos",

A transcripção do trecho está rigorosa pelo original. A missivista deve estar arrependida. Já reflectiu decreto em que o seu compatriota mereceu o nosso rigor e que qualquer solidariedade, mesmo indirecta, ao seu acto, é comprometedora...

A terceira carta, assignada por "um indignado", a bem dos fóros de civilisação da terra dos Gamas e dos Cabraes não devia ter sido escripta. O menos que ella diz, de raias gracioso, é que a "Revista da Cidade" é "pasto ubertino de cretinos e garotos".

A quarta carta é mais digna de consideração. Diz umas verdades engracadas, em termos mais ponderados. Exemplos:

"Em Portugal os analphabetos poderão dizer asneiras, mas aqui muito "doutor" diz MULÉ por mu-

lher, CARCULE por calcule e CAMPA por campainha".

... para amostra cito o telegrama de Mme. Ribeiro de Barros que em materia de concordancia é uma mistura de TÚ e VOCÊ que ninguem entende. Superior a esse telegrama só conheço o estilo dos URUBÚS CINZENTOS da D. Débora Monteiro...."

Depois, assina "Uma leitora da Revista.... desgostosa".

Isso, altâs, não é motivo para magua. ERRARE HUMANUM EST, lá diz a velha sabedoria. E tanto que nas cartinhas ora sob comentario ha cada "coisa"...

A ultima carta merece uma transcripção na integra:

"Ilmo Sr. Escriptor das "Pétalas" — Vou mui respeitosamente agredecer a VOSMIGÈ a fineza de não nos ter chamado galego, no seu ENGRAÇADO relato sobre a festa da "rosa". Anda por ahi forte descontentamento por ter o Caro autor das "Pétalas" rediculizado o "BERMELHO" do portugeus. Eu não acho motivo para tanta indignação e como patrício de Eça de Queiroz eu sou-lhe muito grato por não ter trocado a minha nacionalidade, chamando-me galego. (\*) Acho que foi muito delicado e disponha do seu velho Amigo : (a) Zé da Venda.

(\*) Galiza é província da Espanha. TOME NOTA".

Depois disso, desde as injurias da primeira carta até a ironia burlesca dessa ultima, só nos resta o conforto de que o movimento não encontrou echo no resto da colonia que, honra se lhe faça, está muito acima das manifestações mesquinhias dos que não sabem comprehendere bem as coisas e fazem uma infernal mistura do joio e do trigo.



## S O C I E D A D E



Senhorita Stella dos  
Guimarães Peixoto



Senhorita Maria Se-  
veriano Pacheco



O casal Conrado  
Montenegro

UMA chronica de Paris escripta para «A Voz», diario luso, por um correspondente especial, fala da homenagem a Baudelaire feita no cemiterio de Montmartre pela "Sociedade dos Amigos de Baudelaire", na qual o romancista Paul Bourget produziu tocante oração que terminou por um curioso confronto de Baudelaire com Boileau.

O correspondente, depois de varias considerações sobre o assunto, commenta, impugnando

essa identidade de técnica :

“Não digo que não. Mas as approximações com Boileau, por muito curiosas, não me demonstram que tivesse havido influencia cons-

ciente que valha a pena citar. Creio que no mesmo exagero caiu o notável paciente critico que ha pouco fez um trabalho de aproximação de Racine e Anatole France levando as coisas

até um extremo que nos faz sorrir.

Voltando a Baudelaire, direi que o culto pelo autor das «Flores do Mal» é cada vez maior. E bem merecido. E só soará a hora da justiça para esse Poeta genial, quando tirarem do Pantheon, as cinzas de Victor Hugo, substituindo-as pelas de Baudelaire. Entre Hugo e Baudelaire, ha a distancia que vai do oiro falso ao oiro de lei. Em Hugo, que fica? O verbo. E em Baudelaire? A poesia”.

# M U S I C A

ABRO, ao acaso, o " Preludio em si menor ", de Chopin.

Que estranhos e ignorados sentimentos, teriam atravessado aquelle cerebro genial e enfermo, ao conceber os vinte e sete compassos dessa minuscula e maravilhosa pagina de musica?

Esta pergunta salteou-me o espirito á leitura de um magnifico livro, " La Vie amoureuse de Chopin " — cujo auctor, um commentador sobrio e sisudo, — o snr. E'mile Vuillermoz — dá-nos acerca da permanencia do musicista na celebre Chartreuse de Valdemoso, detalhes suggestivos e de crôuo realismo.

Com uma brillante argumentação, servida por grande copia de documentos, apresenta-nos aquelle auctor, o infeliz amoroso, numa das phases mais inquietantes da sua vida, que foi sem duvida aquella em que, George Sand, arrastando-o na voragem de uma paixão que dir-se-hia marcada do stygma da fatalidade, o fizera contrair na ilha Maiorca, a enfermidade terrivel, e irremediavel.

Parece que o destino preparára o scenario daquella terra de clima traiçoeiro e inconstante, onde, ao esplendor dos dias tropicaes, succedia, subito, o tumulto das mais bravias tempestades, e nella reservára a abbadia abandonada, povoada de lendas e de evocações phantasticas, para poiso transitorio do genio, — afim de que surgissem da sua imaginação, entrechocada dos mais dispáres sentimentos, ante o ambiente estranho que a cercava, — as mais bellas e mais admiraveis páginas de musica, que talvez, até hoje, tenha sido dado a um artista conceber.

E' com o mais vivo e justificado interesse que a gente acompanha o snr. E'mile Vuillermoz, na parte em que elle narra e commenta a estadia de Chopin nas Baleares.

A principio é a illusão de um paraíso, o que a maravilha da paisagem e a doçura do clima, dão aos amantes em villegiatura.

Entretanto, breve tudo se transforma. A natureza se transmuda; e o inverno que começa, mergulha a ilha no impeto das rajadas tempestuosas, cobre de neve a paysagem, e ao esplendor dos primeiros dias, sobrevém a penuria das intempéries, e a inhospitalidade do clima.

Chopin enferma. Na grande Chartreuse, as horas se escoam, terríveis ante " Ces heulements désespérés de l'ouragon dans ces galeries creuses et sonores, le bruit des torrents, la course tragique des nuages, la grande clamour monotone de la mer et les sanglots des oiseaux de proie ". (1)

E é nesse ambiente sinistro e demasiadamente tragico, para um cerebro supersticioso e credulo como o do grande musicista, que os " Preludios ", em sua maior parte, e outras mais composições, talvez a " Sonata em si bemol menor ", foram concebidas.

O casarão lugubre, trazia-lhe ao lado da depressão physica, a mais desoladora depressão moral. E' George Sand, citada por E'mile Vuillermoz, quem relata... " Le cloître était por lui plein de terreurs et de fantômes, même quand il se portait bien. Au retour de mes explorations nocturnes dans les ruines, avec mes enfants, je le trouvais à dix heures du soir, pâle devant son piano, les yeux hagards et les cheveux comme dressés sur la tête. Il lui fallait quelques instants pour nous reconnaître ".

Entre outros, o " Preludio n.º 6 em si menor " teria sido composto nesse periodo.

A insistencia com que o si natural se repete na mão direita, levou o conde Wodzinski a crér que fosse o " Preludio " n.º 6, o da famosa narrativa que divulgou George Sand a respeito de uma tarde tempestuosa em que ella com seu filho voltaram á Chartreuse gottejando sob bátegas de chuva, e foram encontrar Chopin, meio allucinado, tocando, o rosto molhado de lagrimas, um preludio que acabara de compor. E' o que nos conta E'mile Vuillermoz.

Entretanto, este auctor é inimigo da lenda com que se procura envolver sempre a musica chopiniana. E' com bastante razão que elle raciocina: " Il y a quelque chose de touchant dans le spectacle de tous ces savants amis de Chopin, tournant et retournant chaque prélude pour y percevoir un brui de gouttes d'eau, comme on applique un coquillage sur son oreille pour y guetter le chant de la mer ".

Porém, elle confessa tambem: "... il n'est pas douteux que l'atmosphère étrange de Valdemoso se retrouve dans la plupart de ces ouvrages".

Por isso, seja como fôr, o que é indiscutivel, é que essa sinistra e dolorosa pagina de musica, que é o " Preludio em si menor ", — encerra na curva da sua melodia na mão esquerda, girando em rónto da linha recta de um si natural obstinadamente repetido pela mão direita, o segredo de um sentimento estranho e indecifravel...

—  
(1) " La vie amoureuse de Chopin " — E'mile Vuillermoz.

# THEATR

## Theatre de Brinquedo

A propósito do bello sonho de Alvaro Moreyra, Theatre de Brinquedo, uma iniciativa alegre para o theatro de Verdade, na sua propria expensão, escreveu Benjamin Costallat:

Não é um "guignol".  
Não.

E um theatro onde os bonecos são mesmo de carne.

E respiram, e fallam, e soffrem.

Theatro de brinquedo.

No logar do homenzinho do "guignol" que agita os personagens com os dedos, estará Alvaro Moreyra, que os animará com o seu sopro de arte e de ideal:

E só.

O meu querido Alvaro fez um dia um sonho.

E, como todos os seus sonhos, um sonho lindo...

Sonhou que tinha um theatro em que pudesse brincar, elle a criança grande, com a quantidade enorme e estranha de personagens vaporosas que enchem o seu cerebro de escritor.

Seria mesmo um lindo brinquedo!...

Um theatro em que pudesse brincar, elle a criança grande, com a quantidade enorme e estranha de personagens vaporosas que enchem o seu cerebro de escritor.

Poder-se-ia, com elle, brincar de vida, de todas as vidas, como, quando se é pequeno, brinca-se de casamento...



A pequena Gasparina



O pequeno poeta Pedro Marzo

Um theatrinho assim seria um maravilhoso brinquedo para um artista.

No palco, os "fantoches" seriam de nervos. Animados. Tristes. Alegres. Miseraveis. Tudo.

E elles viveriam a grande tragedia dos bonecos humanos.

Deve ter sido esse o sonho lindo, de criança grande, de Alvaro Moreyra.

E' isso que elle vai realizar.

Desde já, a sua iniciativa é muito discutida.

Negada por uns, aprovada por outros.

De qualquer forma, ella provoca a agitação e o commentario proprios às grandes renovações.

E isso já representa uma victoria.

O Theatre de Brinquedo não será um theatro nem melhor, nem peor do que os outros. Será um theatro diferente.

Diferente nas suas qualidades e nos seus defeitos.

Diferente em tudo. Pelo repertorio, pelos artistas, pelas concepções.

Os theatros vivem em função de seus espectadores.

Nelles se faz, não o que se quer, e sim o que a média dos cavaleiros que comparecem á bilheteria deseja ver.



O GRANDE PEQUENO-EDISON

Se o publico pede nú artístico, dá-se-lhe nú artístico. Se gosta de ver pernas, offerecem-se-lhe pernas de todos os feitos. Se acha graça em pilherias de portuguez até enjoar...

Os espectadores é que fazem os spectaculos.

E não os autores, nem os emprezarios.

O Theatro de Brinqueado será diverso.

Não soffrerá influencias de bilheteria, nem orientação de fóra.

Pelo seu palco pequeno

no passarão os spectaculos mais imprevistos e mais variados.

Mas, todos elles serão animados por uma alma de artista. E pelo criterio pittoresco.

Alvaro Moreyra vae

revelar um repertorio inteiramente inedito para nós.

Autores de vanguarda de todos os paizes, assim como exhumações de joias eternas de literatura theatral.

Todas as sensibilidades e todos os tempos



terão a sua amostra no Theatro de Brinquedo, Será um album animado da historia do theatro, que o espectador folheará da sua poltrona...

De Moliere daremos um pulo a Tchekor. Do seculo de rendas e de minuetos do Rei Sol á Russia gelada e terrorista, incubando a grande revolução social.

O Theatro de Brinquedo, como se fosse a immensa caixa de papeleão onde os bonecos se guardam, agasalhará os "fantoches" mais curiosos e mais estranhos.

E elles representarão os seus destinos.

Uns melancolicos, outros grotescos.

A vida em summa,

A vida que é o mais trágico do brinquedos...

#### O pequeno Edison

Está no Theatro do Parque, em ligera temporada, a TROUPE infantil de que o pequenino e extraordinario artista Edison é figura principal.

Edison, quando veio ao Recife da primeira vez, conquistou de prompto a platéa do Recife, fazendo encher, durante varias noites, o Helvética.

Agora, Edison vem com repertorio novo, com mais conhecimento do palco, com uma orientação mais perfeita e disposto a receber mais aplausos.

Isso, aliás, não lhe faltou na estréa, nem hontém, nem faltará hoje.

Amanhã, em vesperal, o artistasinho ce-



Senhorita Caliope Telles, um cliché  
feito especialmente para a  
"Revista da Cidade"



Luiza - Maria, filhinha do  
casal Marcello Peres

rense receberá á petisa da do Recife, proporcionando-lhe o ensejo de levar os seus aplausos ao talentoso representante da classe terível e alegre.

Edison visitou-nos num desses dias e é o mesmo Edison encantador de alguns meses atrás, mais almodadinha e mais artista.

#### A "Helenite"...

Entre os que concorrem para a glorificação de Helena de Magalhães Castro, nesta encantadora cidade de encantados e encantadores, dentre os que sentiram todo o maravilhoso esplendor de seu talento, esteve Nelson Vaz, um temperamento que já tem dado varias provas de suas expletivas aptidões artísticas.

Nelson Vaz escreveu e cantou para a artista patricia as seguintes quadrinhas ao geito de Catullo Cearense:

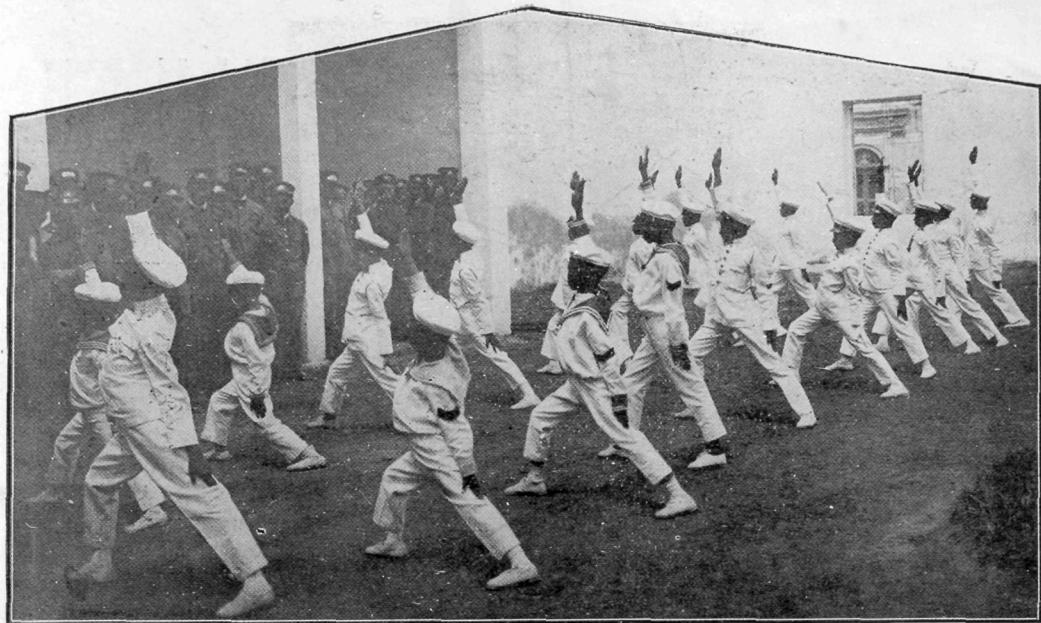
Os teus óio fere mais  
qui os mais temive s'tru-  
[mento],  
a gente inda bem não dia  
sente a dô do ferimento.

Estríbilho

Ai ! quem me dera que eu  
[fôsse]  
as cordas do teu violão,  
p'r'a senti a m'cieza  
dos dêdo de tua mão.

Um beijo nessa boquinha,  
cheirosa qui nem imbura  
Ha de té gosto mais doce  
qui o gosto da rapadura.

Teu cabello tem o chero  
das rosa s'evaporando,  
quando elles rôca na gente  
a gente fica chérando.



Tua voz é qui nem linha  
de novello dismarchado,  
cái no chão, se disimrória,  
dêxa a gente imbaraçado.

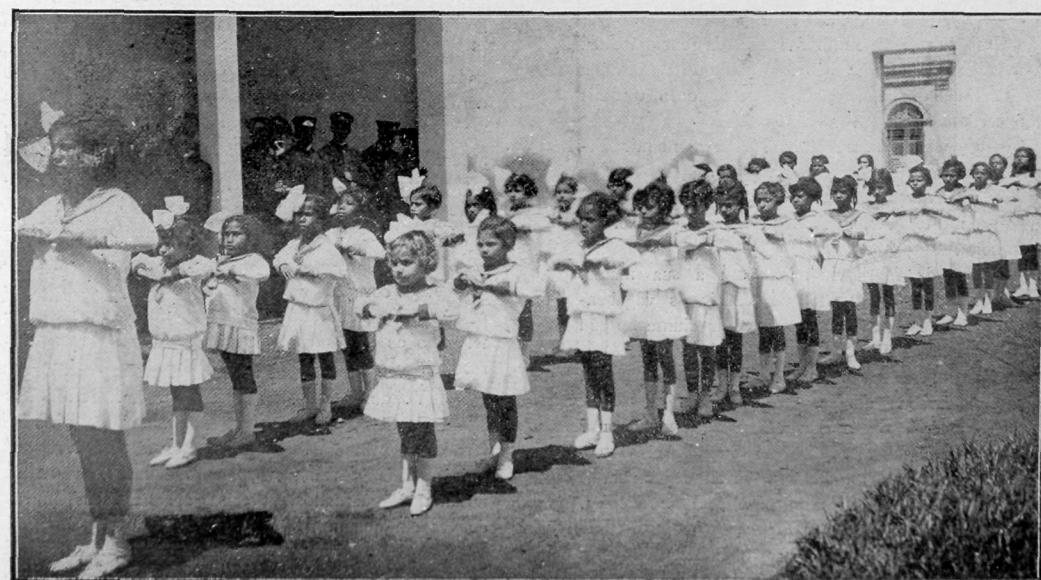
E as mão qui Jesus te deu  
é mió qui as mão de fada,  
passando in riba da dó  
nunca mais se sente nada.

**O**S poetas gostam  
de arranjar figuras curiosas, entre as  
quaes, estas :

**Alumnos da Escola particular  
mixta "Almirante Inhaúma"  
dirigida pela professora d. Mi-  
randolina Dornellas e mantida  
pela Pernambuco Tranwais,  
em exercícios de gymnastica  
suéca no pateo interno do es-  
criptorio daquelle companhia,  
no ultimo 15 de Novembro.**

«O pescoço» é de  
cysne, de marfim, de  
alabastro, de neve, ou  
de liz.

«A tez», enfim, é  
uma mistura de brancu-  
ras e vermelhidões em-  
prestadas á aurora, a  
lua, á neve, ao setim,  
ao marfim, ao pecego,  
á maçã, ao cravo, ao  
jasmin, ao lyrio, etc.





RABELLO DA ROCHA

VAGABUNDOS

NOITE enluarada. Esta floresta escura e sem poesia, meia destruída pelo fogo e a ingratidão da terra, é chamada o bosque de Siwoff, distante 30 verstas da pequenina aldeia de Markovk. Ninguem ahi vive. Nem piam estorninhos, estridulamente por entre os troncos cahidos, nem grasmam gralhas, somolentamente, ao declinar do dia.

O sol ahi bate de rijo, atravessando seus raios uma nuvem constante de um pó vermelho escuro, onde voacejam milhares de pequeninos insectos muito parecidos com moscas e que abundam nestas regiões.

Como é fresco no verão e suas trévas impossibilitam aos poucos viajantes que se dirigem para Markovk caminharem sem o phantasma do terror, aproveitam-se disto os vagabundos da aldeia, para vir dispor armadilhas aos que passam e marcar entrevistas amorosas.

Atalhos ligeiros convidam á perda.

Por um destes vem um homem alto, espadaúdo, bamboleando sua enorme cabeça nuns volteios desproporcionados. É Maximo, bebedo e vagabundo. Sua barba negra e emmaranhada moldura um rosto de criança.

— Olá, Maximio, estás ahi?

Uma cabeça de mulher surge da encruzilhada. Suja mas selvaticamente bella. Chamam-na Maiva, a flor mais linda da planicie, tão aspera como o mais aspero cardo.

— Que me queres, Maiva? Fazes mentir Petrovitch que havia negocios por aqui.

Maiva avança para elle.

— Amo-te, Veris. Acredita-me. Quero ser tua companheira.

Todos de Markovk conheciam a sua mania. Travessa e seductora, gostava de seduzir os vagabundos da aldeia e assim dar motivos de ciúme ao seu amante chronicó e bebedo inveterado, Alexief.

Maximo, sentado num velho tronco cahido, olha a ouvindo seu papaguear amoroso.

— Amas a quem chasqueia delle? A mim? Tu estás doida, Maiva! O que tu queres sei-o eu. Que o diga o Pedro Barqueiro. Apanhou bem bons ponta-pés do teu bebedo. Comigo será outra coisa. Vou comitigo e com elle.

Mira-a e a vê appetitosa naquelle desalinho, com as pernas nírias e collo á mostra. Seu instincto animal cresce e elle corre para ella, no intuito de

tornar reaes os seus desejos. Maiva, porém, se escapa de suas mãos qual enguia.

— Ai que a maldita me foge! — vocifera Maximo, indo-lhe ao encalço.

— O que queres não é para agora: — fala com ironia a rapariga. Imbecil! Pensas que sou tão facil de agarrar! Vou ter com o meu Alex, que é mais calmo.

O vagabundo olha-a com furor.

— Enganas-te Petrovitch. Fizeste-me vir inutilmente. Que ganhei com tudo isto? Nada. Se ao menos parasse para me ouvir. Olá, Maiva, quero te falar; escuta.

— Fala com elle — responde ella, apontando Alexief, que surge na encruzilhada, ciumento, de punhos cerrados.

Maximo conhecia-o como fraco e irrascível.

Furioso de haver servido como instrumento para a reconciliação de ambos, como fôra o Pedro Barqueiro, corre ao seu encalço. Dá duas pernadas e cahe.

— Que raios o partam! Estou velho. Estupido fui em acreditá-la.

Apanha distrahidamente um pedaço de pão e mastiga-o.

— Ui, um dente e o ultimo! — gemie o infeliz, cuspindo-o. Se ao menos este maldito bosque tivesse o que se comer, estaria contente. Mas, nada; sómente troncos. Que Petrovitch me espere com a ceia. Que bom homem, o Petrovitch!

Um sorriso de deboche assoma os seus labios amarellados pelo fumo e alcool. Desvia seu pensamento para uma comezaina imaginaria e do peito os-sudo e forte lhe sahe um suspiro fundo. Levanta-se vagarosamente como quem não sabe o que fazer. Depois, boceja e põe-se a andar despreocupado.

Do coração dos partem gritos estridentes de pessoa que parece sentir prazer na dôr que acommete. São os de Maiva, que leva as suas taponas de reconciliação e amor.

Voltando-se ao ouvil-os, sentencia, philosopho:

— Sempre commetti uma acção bôa. Desenferrujei os musculos delle e agora não beberá por uma semana. Arranquei do peito della gritos que lhe fariam mal guardados. Precisa apanhar seus murros de vez em quando.

Põe-se novamente a andar, praguejando contra u'a mosca que, imprudentemente, pousara no seu gor-durento e vermelho appendice nasal.

SERVIÇO GRAPHICO PERFEITO

SÓ NAS OFFICINAS

DA

“REVISTA DA CIDADE”

**As grandes proezas da navegação aérea, em dirigíveis**

Damos a seguir uma relação dos principais vôos realizados em dirigíveis, até a última façanha do "Norge".

O primeiro dirigível que atravessou o Atlântico foi o R 34, inglez, commandado pelo major Herbert Scott, em julho de 1919. Saindo de East Fortune, na Escocia, desceu em Mineola, Long Island (Estados Unidos), tendo percorrido 3.600 milhas, em 108 horas e 12 minutos, e voltou dias depois ao aeródromo de Pulham (Londres), 3.450 milhas com 75 horas e 3 minutos de vôo.

Notabilíssima foi a

façanha realizada durante a guerra pelo dirigível alemão L 57. Carregando grande quantidade de medicamentos e viveres, largou, na manhã de 21 de novembro de 1917, de Jamboli, na Bulgária, atravessou o Mediterraneo, Smyrna, deserto da Lydia, com destino á África Oriental Alemã, cuja guarnição supportava o cerco das forças britânicas. Às 3 horas da madrugada de 23 de novembro recebeu um radio do Almirantado alemão, comunicando a rendição do general von Lettow Vorbeck e ordenando-lhe que regressasse imediatamente. Às 8,10 A. M. de 25 de novembro, o L 57 volta-

va á sua base em Jamboli, com 100 horas de vôo e um percurso de 4.500 milhas. Esta proeza do dirigível alemão teve a realçal-o o facto de haver sido organizada sem nenhum estudo prévio, ignorando inteiramente a região que ia percorrer e suas condições atmosféricas.

O ex-Zepellin ZR 2, que é actualmente o "Los Angeles", da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, deixou Friederichshafen em 12 de outubro de 1924, chegando a Lakehurst, estação naval aérea da America do Norte, tres dias depois, com 5.066 milhas de viagem e 81 horas e 17 minutos de vôo.

O "Shenandoah",

dirigível norte-americano, destruído num desastre, atravessou os Estados Unidos, em todas as direcções, realizando um vôo de 9.317 milhas, em 19 dias e 19 horas.

Finalmente, o "Dixmude" dirigível francês, perdido no Mediterraneo, foi ao deserto de Sahara, regressando á sua base com 118 horas e 41 minutos de vôo.



Nos municípios de Cabo Frio e Araruama (Estado do Rio) ha inúmeras salinas, que produzem 500.000 sacas he sal, de 80 kilos, no periodo de novembro a março, que é o mais proprio para a extracção.

# ATELIER DE GRAVURAS

**EMILIO FRANZOSI**

Fabrica de Placas esmaltadas, metal e letreiros

## GRAVURAS

para alto relevo sobre metal e aço.  
Cunhagem de medalhas e distintivos.  
Fôrmas para sabonetes. Marcas a  
fogo e recortadas. Sinetes para la-  
cre. Carimbos de aço, metal  
e borracha

Premiada com Diploma de Honra e Medalha de Ouro

## TRABALHOS GÁRANTIDOS

Rua General Abreu e Lima, 265

Esquina com a rua do Cajú

Composta em cir-  
cumstancias especiaes  
essa opera foi um ver-  
dadeiro fiasco. O pro-  
prio Verdi a descreveu,  
nas seguintes palavras:

"Terríveis desgraças  
amontoaram-se sobre  
mim. Em principio de  
abril, meu filho cão  
doente, os medicos não  
descobrem do que se  
trata e a querida crea-  
turinha morre rapidamente,  
nos braços da  
mãe desesperada. Além  
disso, dias depois, a

outra criança cão tam-  
bem doente e morre,  
e em junho a minha  
joven esposa é-me ar-  
rebata por uma vio-  
lentissima inflamação  
cerebral, de modo que,  
em 19 de junho, vi o  
terceiro caixão sahir  
de minha casa.

Dentro de pouco  
mais de dois mezes,  
tres pessoas que me  
eram tão caras haviam  
desaparecido para sem-  
pre. Estava só, inteira-  
mente só. Minha fami-

lia fôra destruida; e  
no meio de todas es-  
sas desgraças, tinha de  
cumprir o meu con-  
tracto e de escrever  
uma peça comica!  
"Un giorno di regno"  
foi um fiasco completo;  
a musica foi, sem du-  
vida, a culpada; a in-  
terpretação, porém, te-  
ve uma parte conside-  
ravel no fiasco. Em  
um momento de des-  
animo, amargurado  
pela queda da minha  
opera, desesperei de  
achar consolo na mi-  
nha arte e resolvi  
abandonar a composi-  
ção".

to, no Theatro Scala,  
em 9 de março de  
1842. "Com ella, diz  
Verdi, comecei verda-  
deiramente a minha  
carreira de compositor".

Logo em seguida,  
obteve o maestro o  
maior sucesso, com as  
operas "Os Lombardos"  
e "Hernani", e a partir  
dahi, começa a série  
de seus grandes triun-  
fos artisticos, que lhe  
grangearam a fama de  
ser o mais eminent  
compositor da Italia.

**VERDI** — O nome  
do maestro ficou em  
evidencia nos centros  
artisticos e quando os  
admiradores indagavam  
curiosos, donde havia  
ele vindo, respondia,  
sorridente:

— "Sono un paese  
sano".

O emprezario Merelli propoz, em segui-  
da, a Verdi, para es-  
crever tres operas em  
cada 18 mezes, pagan-  
do elle 4.000 libras  
austricas por obra, e  
metade dos direitos de  
autor. O primeiro li-  
breto que foi entregue  
a Verdi foi o d' "O  
Proscripto", do qual  
o maestro não gostou.  
O emprezario, tendo  
necessidade de uma  
opera comica, confiou  
a Verdi o libreto de  
"Un giorno di regno".

# KAFY

Elimina as dores de Cabeça  
com a rapidez do  
**RAIO**

NAO AFFECTA O CORACAO



**A' Venda**  
**Em Todas As Livrarias:**

JOSÉ JULIO RODRIGUES

# SILHUÊTAS E VISÕES

(FIGURAS, ESTUDOS, EVOCAÇÕES)

- 1 — Guerra Junqueiro
- 2 — O Visconde de Santo Thyrso
- 3 — A Figura, a casa e o meio de Ruy
- 4 — Meu Pae
- 5 — Ida Roubine, A Nihilista
- 6 — A' Porta do Garnier
- 7 — A Coimbra do Symbolismo
- 8 — Conversa com a morte
- 9 — O Crime do Grande Marquez
- 10 — A Europa Louca
- 11 — A illusão da Materia
- 12 — Na Arcádia
- 13 — A Rehabilitação do Absurdo

---

EDITORIA  
Soc. An. " REVISTA DA CIDADE "

RECIFE - PERNAMBUCO

BRASIL



A



VERDADEIRA GOIABADA

É MARCA

PEIXE

FEITA COM GOIABAS

ESCOLHIDAS

DE

PESQUEIRA